

Memória: temporalidade do rastro e confissão

Adriana Helena de O. Albano*

RESUMO:

Este trabalho discute e articula o pensamento de Jacques Derrida, Sigmund Freud e Samuel Beckett a respeito constituição não linear, heterogênea, dinâmica e subjetiva da memória e sua representação escrita. Num segundo momento analisa o discurso de memória como confissão.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Traço. Confession. Derrida.

* doutoranda em Letras pela Unesp

1. Introdução:

O estudo das memórias e seus desdobramentos vêm ocupando um espaço cada vez maior nas análises críticas, principalmente devido ao fato de a memória ser um lugar não só de leitura de identidades, mas também da cultura, do tempo, do além do homem.

Esclarecemos que não tomamos aqui nenhuma distinção entre autobiografia e memória. Entretanto, Silviano Santiago (SANTIAGO, 1989, pp. 25-27) tenta estabelecer essa diferença: uma sendo a vida individual, a formação da personalidade e a segunda sendo considerada como representação de acontecimentos exteriores, aqueles vividos ou presenciados. Consideramos que a formação de uma identidade de uma personalidade, sempre vai se construir sobre as vivências cotidianas, pelas influências externas e ainda por tudo que se constitui para o além do homem.

Todavia, tal discussão passa para um outro campo, um campo mais restrito, adquirindo menos relevância quando levamos em conta os estudos de Derrida sobre a autobiografia como confissão, que considera toda escrita como sendo autobiográfica.

Seguindo esse caminho, desenvolveremos aqui, inicialmente, um pensamento ligado ao conceito de memória principalmente influenciada pelos estudos que Derrida (2002a) faz sobre o pensamento de Freud a respeito da constituição da psique humana. A partir dessa pesquisa pudemos observar que outro autor, Beckett, analisando Proust, aproxima-se de tais conceitos ao descrever a temporalidade não linear da obra proustiana e a formação constante do sujeito através das vivências negociadas pela memória. Negociação que compreende ainda todo o inexorável da existência do homem sobre a terra.

Dessa forma, articularemos, num segundo momento, a relação da escrita autobiográfica com a confissão, com a capacidade do texto em negociar o além do texto e o além do homem. A autobiografia será considerada como testemunho auto-imunitário, como a possibilidade de leitura da incomensurabilidade do ser por meio da escritura da vida.

Esse acontecimento da escritura vem como proposta de se analisar, num próximo artigo, obras autobiográficas de escritores brasileiros. Deseja-se demonstrar como a desconstrução proposta por Jacques Derrida proporciona a leitura de parte do ser, daquilo que existe entre a vida e a morte.

2. Derrida, Freud e Beckett:

Freud é quem primeiramente apresenta a memória de uma forma não fisiológica. Ele a descreve psicicamente e determina sua formação a partir do rastro mnésico proveniente da repetição de experiências. É um processo complexo que consiste na atuação de um conjunto de forças diferenciais produzidas por meio da percepção e de acordo com a excitação. Desse processo a resultante será o rastro minésico. Cada uma das forças, sozinha, não significa nada, mas em relação a outras produz o sentido que formará o rastro. Este consiste na marca provisória, que também estará em relação a outras marcas, para a inscrição de um novo rastro na memória, e assim sucessivamente (FREUD, 1976, pp. 17-85).

A representação psíquica de Freud para a memória é descrita por Derrida como a resistência que provocaria a abertura ao arrombamento do rastro. Tal acontecimento se daria da seguinte forma: um conjunto de forças diferenciais provenientes de experiências vividas provocaria o arrombamento, a abertura de um caminho por onde o rastro se inscreveria, rastro como resultante da relação diferencial. Qualquer inscrição na psique já supõe um rastro, que poderá ser apagado. Sua condição de existência é ser negociador de forças diferenciais sempre, para que outro rastro possa existir. Aquilo que está sendo inscrito passa a ser então o próprio rastro, fazendo-se e refazendo-se sempre, a cada nova experiência. Por isso é impossível nos remetermos a uma origem, pois esta é renovada a cada negociação do rastro (DERRIDA, 2002a).

A consciência do indivíduo, antes tida como principal parte do psíquico, é então observada como um de seus constituintes e não mais seu universo total. Ela passa a ser vista como parte do conjunto, como uma de suas galáxias, perdendo o *status* anterior e inovando a conceituabilidade temporal. Os conceitos de temporalidade determinavam que a consciência era dada a partir da noção do presente. Toda a percepção era entendida como formada apenas por aquilo que acontece no presente, e dele se estenderia, à frente, o futuro e, atrás, o passado, ambos ausentes porque seus acontecimentos não estariam presentificados ao ser na forma de presença. Entretanto, não há como garantir uma forma de consciência que possua a realidade do vivido no presente, que possa apreendê-la em sua originalidade. Só podemos, ao contrário, questionar tal fato na medida em que só conseguimos perceber aquilo que nos faculta significar, o que torna o presente e a sua realidade fatores simbólicos. Além disso, como já percebemos no tocante à formação do rastro, há uma série de elementos agindo nessa empresa, elementos que não se separam e só têm importância em relação a outros.

Poderíamos citar, na ordem do psíquico, agentes como a memória, o inconsciente, a consciência e o pré-consciente, assim como a formação do sentido e do rastro, como resultante da organização desses elementos. Tudo estaria ainda se relacionando, em diferença, com o social e o meio natural (DERRIDA, 2002Aa).

Não podemos esquecer que as pulsões de vida e de morte, inerentes a todo processo psíquico, também exercem sua força. O que acontece na medida em que as pulsões direcionam a intensidade, deslocando vetores do campo da psique no qual os sentidos e os rastros são produzidos. Pulsão de vida e pulsão de morte ¹ como formas de proteção à vida, como constituintes do ser e da forma de negociar os significantes. A problemática do psiquismo, desse formador e formação do ser, deve se direcionar para o estudo da memória, ela própria sendo o psiquismo e não uma de suas particularidades. Através da lembrança há a preservação da vida na forma de repetição e de pulsão de morte. Essas duas na verdade estão intimamente ligadas, pois o que acontece no processo de rememoração é a repetição de um estágio anterior experimentado e articulado com os conhecimentos adquiridos *a posteriori*, diferindo-se. Pelo processo de diferenciação e complementaridade, a morte surge como o horizonte incomensurável, mas que está sempre presente (não como presença) à vida, se não é a própria vida acontecendo (DERRIDA, 2002b). A descoberta de Freud que Derrida persegue é então direcionada para além do psiquismo do sujeito.

A memória se daria como rastro, fruto de explorações marcadas pela diferença, caminho aberto em que não se poderia fazer o caminho de volta à origem. É como o caminhar por um deserto em que os passos seriam apagados pelo “vento oeste” ². Não haveria a possibilidade de traçar a mesma trajetória, no máximo uma aproximação. Graças ao fato de não podermos voltar a um estágio anterior puro, é que conseguimos elaborar novas formulações a respeito da vida, sempre renovada. Caminho aberto como o resultado provisório de forças atuando infinitamente e de forma diferencial. A repetição em diferença provocada pela excitação causada pelo contato com o meio é a responsável pelo acontecimento do rastro. O rastro só se transforma em marca mnésica por meio da repetição em diferença e da forma da excitação. A inscrição do rastro é proporcionada pela diversidade

¹ Para Freud os organismos tenderiam à manutenção de seu estado anterior, o estágio de não evolução, aquele anterior à vida. Todas as transformações ocorridas buscando a evolução foram provocadas pelos estímulos exteriores que obrigaram os seres a se preparem para os acontecimentos exteriores e com isso se tornarem mais complexos. Mas nunca a compulsão à vida anterior (morte, inanimação) cessou, estando, ao contrário, se organizando junto a esses novos impulsos exteriores, desenvolvendo-se rumo ao estado inicial, ao de inanimação, de morte, de pulsão à morte. Seria a vida desenvolvendo-se rumo à morte.

² Na mitologia, Eros pede ao Vento Oeste que salve Psique da morte retirando-a do penhasco.

de forças. Freud afirma ainda que é um meio de preservação da vida pela economia de morte, pois a repetição se dá como forma de diferença em relação à situação de perigo, em que o indivíduo difere a experiência para a autopreservação. Acontece à forma originária ser inaugurada pela repetição em diferença: “É certo que a vida se protege pela repetição” (DERRIDA, 2002a, p. 188), mas ao mesmo tempo não há uma vida primeiramente que viria a ser preservada. Esse processo da economia de morte seria o próprio acontecer da vida, seria a vida se fazendo, já que ela não existe sem a economia de morte, sem repetição em diferença, sem rastro.

Assim, a memória, a recordação, a tentativa de repetição de uma experiência, não pode nunca retomar um ponto passado na linha do tempo, pois nem a linha nem o ponto estarão lá. Devemos então pensar de outra forma, pensar a constituição temporal não como uma sucessão de tempos, mas como a irrupção de um feixe. Um acontecimento único e imprevisível que constitui-se por uma mecânica em que não há origem nem centro organizador e em que cada constituinte influencia o outro, cada um sendo responsável pela formação do outro, garantindo a própria existência graças a um movimento renegociador e revivificante. É a reatualização como um *devir-sendo*, que compõe a contemporaneidade das experiências e do *se-fazer*, como forma de auto-constituição pela repetição na diversidade. Uma agoridade sempre dada como a ser constituída e a ser inaugurada como originária, ao mesmo tempo em que nega tal condição. Um acontecimento que ao invés do *ser ou não ser*, formaria um ser não sendo a partir de si, do sendo em si, diferindo-se por uma ausência de semelhança que sempre poderá comportar (DERRIDA, 2002b).

Dessa forma, podemos dizer que não existe um texto na folha de papel como transcrição de outro texto interior ou inconsciente. A própria existência de um texto autobiográfico já implica em modificação no ser, de sua existência a si. Uma existência mutante que provoca a criação do sentido, do sentido como um vir-a-ser. Segundo Freud, a parte psíquica que recebe os estímulos exteriores não forma marca duradoura, o que nos faz pensar que a escrita pode registrar o acontecimento antes mesmo de esse aparecer à própria consciência, “o percebido só se dá a ler no passado, abaixo da percepção e depois dela” (DERRIDA, 2002b, p. 219).

É importante lembrar que não há como separar o mundo exterior daquele do psiquismo, uma vez que todo o exterior nos é apresentado sob nosso ponto de vista, como interpretação. O material psíquico é formado pela percepção do externo, assim como este o influencia, numa via de mão dupla: “A soma de todas trilhagens, os

acontecimentos, os incidentes que sobrevieram no desenvolvimento do indivíduo constituem um modelo que fornece a medida do real” (LACAN, 1954-1955, p. 140).

A constituição do ser, da psique e portanto da memória, tudo de forma imbricada, funciona como uma máquina e forma aquilo que chamamos traço. Entendemos por traço aquilo que deixa a marca no indivíduo, mas que pode ser apagada, e rastro como um vestígio, um caminho aberto que traça sua via para necessariamente se apagar, o que é a condição de sua existência. O rastro nunca será sentido como presente à consciência, mas na condição de dar abertura para um acontecimento que ainda está se fazendo, que ainda está por vir, o traço.

Percebemos que a escrita, assim como o sujeito, não possui uma forma fixa e imutável e que o autor também perde o seu *status* de limite e dono da obra. O escritor vai apenas comportar um de seus sentidos, e o “comportar” na verdade quer dizer que em um momento ele deixou-se não-ser através da escritura para se refazer apenas depois dela, depois de ter se descoberto mais de um e principalmente um não mesmo. O processo da escrita parece ser um eterno redescobrir, um redefinir a si e à dinâmica da existência a partir da experiência e da formação do sentido futuro no texto. Uma tarefa não muito fácil a partir do momento em que a tendência do homem, muitas vezes, é se paralisar diante de redefinições de seus valores.

Beckett, ao analisar Proust, se aproxima bastante das considerações derridianas de tempo. Afirma que o tempo é um monstro de duas cabeças: danação e salvação. Explica que o ontem nos deformou ou nós a ele, num caminho de morte constante, morte na/da vida para que esta se fizesse presente. Sobre o funcionamento da psique também diz que não podemos controlar a memória ou os fatos evocados, tanto porque o que obtemos do real é apenas uma caricatura, quanto porque não há possibilidade de identificação do sujeito com o objeto desejado. No caso da autobiografia, a identificação do autor com o narrador. Para Beckett a personalidade constantemente modificada é fruto mais uma vez da passagem do tempo no interior do indivíduo. O estudioso da obra de Proust discorda de uma temporalidade medida pela forma tradicional. Ele utiliza a metáfora do diamante para apresentar a relação não excludente, mas sim articulada das temporalidades: o diamante em uma estrada batida deforma e é deformado, ao mesmo tempo em que resiste e mantém seu trabalho. Em seu fim está uma ameaça e uma promessa:

Não há como fugir do ontem porque ontem nos deformou, ou foi por nós deformado. (...) Ontem não é um marco de estrada ultrapassado, mas um diamante na estrada batida dos anos e irremediavelmente parte de nós, dentro de nós, pesado e perigos (BECKETT, 2003, p. 11).

Para o sujeito, a transformação de si através do processo de reformulação e re-significação é dolorosa e não acontece tranqüilamente. O “antigo” *eu*, no trabalho de formação, de modificação de seus anseios, medos e culpas, resiste até o último momento antes de ceder. Tem-se então uma relação que se estabelece como um lugar de diferença que acrescenta. A ameaça do estranho e do diferente provoca um movimento da psique para que ela possa se defender, reorganizando-se para tornar familiar aquela nova experiência: “Esfoliação perpétua da personalidade” (BECKETT, 2003, p.25). Beckett descreve algo parecido com o processo psíquico do bloco mágico freudiano, na medida em que se refere ao “pacto renovado”, uma forma de se preparar para os acontecimentos vindouros, mas que também representa a morte, uma eterna morte daquilo que havia antes para o nascimento de uma nova forma de negociação da percepção (BECKETT, 2003). Notamos, ao relacionar as análises de Beckett com as de Derrida e Freud, que a reviravolta das sensações e formulações habituais para que o “novo” tome lugar, corresponderia ao arrombamento para a inscrição do rastro.

Para Beckett, a verdadeira essência de toda forma de experiência está no intruso, no objeto estranho a nossa percepção. Algo misterioso à racionalidade até então erigida e baseada em conhecimentos devidamente apreendidos. O misterioso não parece encaixar-se em nossa estrutura de imediato e é preciso que haja uma rearticulação para que seja apreendido, o que nos remete novamente à pulsão de morte, ou à vida à morte.

O tempo para Proust não segue uma linearidade tradicional, mas é extra-temporal, está ausente da noção da cronologia habitual.

Na morte há uma perda de si mesmo e talvez através da autobiografia se possa apreender a si, esse outro em mim, e acolhê-lo, deixá-lo o mais próximo possível na tentativa ilusória de deixá-lo preso, adiando o último instante, o da separação final. Para pensarmos a memória e seu funcionamento é necessário que a enxerguemos como construção da lógica do suplemento, pois: “O indivíduo é uma sucessão de indivíduos” (BECKETT, 2003, p. 17). O sujeito faz um eterno retorno em forma de repetição, mas repetição em diferença, como se sempre algo estivesse a se acrescentar, em momentos distintos, a cada camada psíquica, mas

sob a condição de estas estarem sempre em relação de diferença e espaçamento. Cada uma em relação a todas as outras.

O tempo da memória e do ser é um tempo presente. Presente como presença de um passado ausente, a se fazer em forma de promessa.

3. A escrita de memória como confissão

Para tratarmos do assunto expresso pelo título acima precisamos fazer um retorno às origens, referirmos previamente a um período muito anterior, a um tempo mítico que corresponde ao relato da Gênese. Esse caminho, necessário para nossas considerações, na verdade segue um outro caminho já aberto e também traçado por Jacques Derrida. Via a qual orienta muitas outras considerações acerca da relação entre a escrita autobiográfica e o gesto confessional em seu sentido eclesiástico.

Recuemos então ao momento do pecado, do erro cometido pelo homem no paraíso após ter comido o fruto da árvore da vida. O erro consistia, ao mesmo tempo, em desobedecer a uma ordem divina, no conhecimento do bem e do mal e da nudez, assim como na vergonha por estar nu. O que vai nos interessar aqui é o rompimento da condição de um não-saber sobre si e tudo o que se seguiu a isso. Quando o homem passa a conhecer e a reconhecer sua condição de estar nu, com seu sexo exposto, ele se envergonha, perde sua pureza original, cobre-se e em seguida, quando tal fato é dado a conhecer a Deus, é severamente punido. Punido inclusive com a futura morte, pois perde sua condição de imortalidade e passa a ser mortal. Segue-se então a esse fato que todos os homens passam a ser punidos pelo pecado de um só, mas tornado de todos.

Na natureza o homem é o único animal que se cobre, que tem vergonha de seu sexo. É, portanto, o único que se sente nu, que se sente impuro e necessita cobrir-se. Os animais, segundo Derrida (2002a), não se sentem nus porque são nus, para eles não existe a condição de nudez. Assim, podemos concluir que não há um pensamento do bem e do mal sem o sentimento da nudez, sem sentir-se impuro, já que foi a partir desse acontecimento que fomos expulsos do paraíso. Os três fatores, o conhecimento do bem e do mal, o conhecimento da própria nudez e a punição, estão intimamente ligados. O saber sobre si mesmo que implica

o conhecimento de estar nu envolve todo o comportamento humano, toda sua forma de representação, pois não há como pensar separadamente o saber e a técnica e tudo que está relacionado a esse vivente depois do erro inaugural:

o vestuário responde a uma técnica. Nós teríamos então que pensar juntos, como um mesmo “tema”, o pudor e a técnica. E o mal e a história, e o trabalho, e tantas outras coisas que o acompanham. O homem seria o único [animal] a inventar-se uma vestimenta para esconder seu sexo. (DERRIDA, 2002a, p. 18)

O conhecimento do bem e do mal e da situação em que se encontrava no mundo deram ao homem o poder de ser igual aos deuses, mas o conhecimento também lhes garantiu o sentimento de impureza, de culpa. Após o pecado original o homem passa a se constituir em uma rede de relações calcadas pelo “erro” cometido na origem e pela necessidade de redenção.

Pensemos então da seguinte forma: se o homem se sente envergonhado, se sente necessidade de cobrir-se, é porque se sente impuro, mas necessita sentir-se puro e por isso cobre-se. Esse sentimento acontece mesmo quando estamos sós, ou no exemplo de Derrida, quando estamos diante de um animal que está nu e que não tem conhecimento de sua nudez e nem da nossa. O pensamento aqui se direciona então para a hipótese de que o sentimento de vergonha e impudor, desde a Gênese, está presente na constituição do homem ocidental, em seu comportamento, em sua forma de ver o mundo e principalmente de ver a si mesmo.

Todavia, se só podemos sentir vergonha diante de um outro, quando estamos sós ou diante de um animal que não possui o conhecimento da nudez e sentimos necessidade de nos cobrir, a vergonha é diante de quem? Diante do outro, do outro em mim. Percebemos que antes de nos dirigirmos ao outro externo, nos dirigimos primeiramente a nós, a um outro em nós, e é diante dele que precisamos, primeiramente, confessar.

É importante lembrar que o homem é o único animal que conta a sua própria história, que está sempre se lembrando dos atos passados, recordando, passando em revista a história do homem. Segundo Derrida (2002b), o homem é um “animal autobiográfico”, e esta autobiografia, a história de si, depois do pecado original torna-se confissão, testemunho de um erro inaugural, uma dívida estabelecida entre criador e criatura.

O testemunho, antes do discurso, antes de sua passagem ao ato vai sempre se dirigir ao outro, sempre vamos narrar primeiramente a um outro em nós, um trabalho de abertura para o *post-scriptum*. O testemunho então não deixa de fazer com que haja uma reflexão sobre si, uma reflexão autobiográfica antes de se relacionar com o nome de Deus. A religião é uma resposta diante de si e diante de Deus. A literalidade e a escrita são componentes fundamentais de toda crença e de toda forma de revelação, de resposta à revelação. É uma via de mão dupla: se toda forma de religião já supõe uma resposta, uma resposta primeiramente provocadora de uma reflexão interior, ou seja, de um movimento autobiográfico, toda autobiografia também é uma forma de confissão, de testemunho, um testemunho auto-imunitário. Percebemos a partir dessa argumentação que a escrita é um lugar sagrado na medida em se constitui também como sepultura, lugar de morte para o renascimento de um outro, agora rearticulado através do texto.

Santo Agostinho inaugurou um pensamento filosófico cristão no qual a confissão consistia num movimento da alma como intimidade, como um poder de atingir o interior de si, pois aí é que se encontra a verdade. Constrói-se assim uma forma de individualização num mundo em que era valorizado o coletivo em detrimento do particular. Para o cristão é necessário o conhecimento individual, intra-pessoal, para que o homem tenha condições de atingir a Divindade, o que inaugura um pensamento individual, uma preocupação com o sujeito. No mundo antigo, o íntimo, o particular não eram tão valorizados. Houve o oráculo de Delfos, o “conhece-te a ti mesmo”. Presente também em Sócrates, Platão e Aristóteles. Mas os gregos dificilmente diziam *eu*. Diziam na maioria das vezes *nós* (?).

Derrida (1995) escreve que quando Santo Agostinho se perguntava porque deveria se confessar a Deus, já que Ele tudo sabe e tudo vê, a resposta era que o ato de confissão não busca informar a Deus os pecados, mas sim em dar graças à vida, em aumentar o conhecimento sobre si mesmo, aproximando-se do Criador.

A escrita autobiográfica carrega a memória de um tempo muito remoto, aquele que vai além da própria escrita, e que não só se remete ao Testamento, mas é a própria Escritura do homem, de sua existência na Terra. É a formação de um tecido que carrega o *post-scriptum* que não é dito, nem previsto, mas sempre uma promessa, um dever, uma dívida, a possibilidade do (ainda) impossível. A escrita comporta um desejo de confissão e por isso sua capacidade de obter o perdão é infinita. Todo desejo de confissão carrega em si a absolvição inerente porque confessar é saber-se perdoado (DERRIDA, 2002b).

Através da narrativa de uma vida, tenta-se nomear aquilo que vai além do nome (a experiência, a paixão), o inominável. A confissão atravessa toda a escrita autobiográfica e tenta salvar o ser que vai além de si e que existe através do nome, que comporta o nome ou o caminho aberto por ele. Tenta-se salvar tudo aquilo que é trazido pelo nome, exceto o nome, e pode-se pensar que o ato da escrita é injusto. Porém, tal fato significa sim respeitá-lo em sua condição de nome, perceber sua economia de existência, seu trabalho, que é o de anunciar a chegada do outro, a lembrança do outro e estacionar-se em sua nudez, para abrir possibilidades futuras.

Existe no texto, ao mesmo tempo, um sentimento de pecado e de restituição marcado por uma espécie de eterno reconhecimento e gratidão pela vida, pela dádiva divina da vida, pela existência do homem sobre a Terra. Podemos dizer que se vive um tempo calcado pela tentativa de redenção e de gratificação, um pela falta cometida no início e outro pelo dom da vida, da vida inteira. Isso porque diferentemente do pensamento grego, o cristão acredita que o mundo foi criado, que Deus o criou a partir do nada, antes havia nada, e “ele criou o céu e a terra”, e criou por amor. Assim estaremos sempre em dívida por termos recebido a vida, por ela ter sido dada a nós, sem nada em troca. Mas o homem está ameaçado pelo nada, pela condenação à morte devido à passagem da serpente (DERRIDA, 2002b).

Rousseau afirma que um roubo cometido em sua adolescência o levou a escrever suas memórias: “Esse peso continuou, pois, até hoje sem o alívio da consciência, e posso dizer que o desejo de me livrar dele de alguma maneira muito contribuiu para a resolução de escrever minhas confissões” (ROUSSEAU *apud* DERRIDA, 2004, p. 59). A escritura da vida realizada pela autobiografia — a escuta das vivências de um *eu* que não consegue reconhecer-se, mas que tenta representar esse outro metonímico e metafórico — torna-se assim um gesto de restituição e de reconhecimento. Restituição porque é através do discurso de contar-se a si primeiramente a sua vida que o homem estará buscando a “salvação”. A obra é seu testemunho, é a revelação, é a verdade, uma verdade sobre a vida, uma confissão que por si só já pressupõe o perdão, já o liberta do mal cometido, da culpa. A necessidade de voltar-se para as ações passadas afeta o *eu* e retraça o caminho a seguir e o caminho seguido, através da reconstituição de si, e em busca da salvação. Em toda forma de confissão, de testemunho, está subentendido um “eu digo a verdade” e digo a alguém, e toda forma de promessa de dizer a verdade, todo juramento, já envolve instantaneamente Deus. Não há juramento nem testemunho sem Deus (DERRIDA, 2004).

A memória, o voltar-se para os fatos passados da própria história individual, exerce um papel de libertação em relação ao tempo e à imagem racionalista do mundo quando acontece nas manifestações religiosas. É assim no Cristianismo e no Budismo: o primeiro remete sempre a existência a um tempo mítico, e o segundo, de acordo com Mircea Eliade (1972), garante aos mais evoluídos uma *memória absoluta*, porque pode recordar toda a vida, o que garante um poder de Cosmocrata. Isso ocorre porque o poder, o trabalho de recordar é considerado maior do que o poder de conhecer a origem, já que na recordação há um movimento de redescoberta e re-significação.

É a abertura de registro de um ser como confissão, num movimento de rememoração, de lembranças muitas vezes difíceis, que traz à tona os erros cometidos, os maus comportamentos, mas também a necessidade de ser perdoado, redimido, purificado. A confissão e a necessidade de perdão nascem naquele tempo mítico e marcam a busca de crédito com o doador-credor que é Deus, aquele que dá, mas quer receber a dívida em forma de um determinado comportamento humano.

O contar sobre si como forma de reconhecimento pela vida acontece como uma operação em que reviso e re-visito minha existência para contá-la, para reconhecê-la como valorosa. Uma gratidão infinita por estar vivo, por ter vivido e poder contar-se a sua vida.

O sacrifício realizado pela escrita, a experiência de poder e de autoridade sobre o sujeito e sobre as leis da vida provocam uma perda de si por vontade própria. Perda para não estar sujeito a nenhuma dualidade opositiva, nem acima, nem abaixo, nem servo, nem senhor. Um ato de fé, de crença no poder da palavra, de sua promessa, a promessa de que realizará seu trabalho por si mesma, na ausência de seu autor.

A autobiografia carrega a tensão entre a vida-e-morte, estas inseparáveis, para tentar dar conta da incomensurável organização da existência humana que é a de sobrevivência e desaparecimento. A escritura das memórias trabalha e metaforiza tempo e indivíduo e, por isso, realiza um movimento de morte e ressurreição, confissão e renovação.

No processo de reconhecimento, acontece um trabalho de autoconhecimento voltado para a restituição, que abarca o ser em sua complexidade. Fato que ao mesmo tempo aproxima e afasta o sujeito de si mesmo, numa relação de estranhamento e familiaridade. Há um deslizamento das personalidades desencadeado pelo desejo de continuidade infinita da conciliação dos *eus*.

A delimitação de uma vida através da sua narrativa coloca um espaço em que o contar sobre si pode ou não ser resultado de uma invenção, mas carrega uma relação com a

vida e com as necessidades presentes. Carrega uma tensão e um desejo de pagar uma dívida através da revisão dos atos passados, de um desvelamento de si. Escreve-se a vida porque ela é digna de ser escrita, porque ela é agradecimento ao valor que lhe é devido.

O retorno a um tempo ausente, mítico, num movimento que carrega o rastro arcaico no momento de busca do “passado” (em passado como *presença*), da escrita da vida, pode ser considerado um gesto “imunitário (e pois um movimento de salvação, de salvamento e de salvação do salvo, do santo, do imune, do indemne, da nudez virginal e intacta)” (DERRIDA. 2002, p. 87).

A dignidade do ser vivente é algo que extrapola a própria vida e o vivente, indo além deles, e é nesse espaço que pode habitar a religiosidade, a paixão, no além do texto que o texto comporta. A vida do vivente vale mais do que ela própria, está além dela, e é no excesso, na suplementaridade que acontece a necessidade de perpetuação e sua relação com a finitude, a relação com a morte, o gesto auto-imunitário. Só o texto pode abrigar tamanha complexidade, só através dele pode-se negociar a incomensurabilidade da existência.

Aquilo que mantém uma comunidade humana auto-imune em vida é sua capacidade de estar sempre aberta a algo além dela, uma *sobre-vivência*, algo que poderá ser o outro, a liberdade, a morte, Deus. Algo que possibilitará a tentativa do retorno à pureza. Assim, toda forma de testemunho possui já um interlocutor que o excede, que vai além, e que tenta resgatar um tempo antes da queda, para que possa unir-se a Deus, tornando-se igual a Ele. A transitoriedade das coisas mundanas, a mudança das etapas de vida do homem, ou mesmo da natureza — o nascer, crescer, envelhecer e morrer — garantem ao ser a certeza da morte, sua inevitabilidade e diante disso ele tenta sobreviver a ela, perpetuando-se através da obra.

A escrita de memória possui a força de libertar a obra do tempo, libertando autor e obra de qualquer tentativa de fixidez, já que o escritor, num processo de deslizamento, percorre um caminho traçado por si mesmo. Movimento que consiste em deslocar-se rumo ao desconhecido, rumo ao impossível, como afirma Derrida: “Ir aonde é possível ir não seria um deslocamento ou uma decisão; seria o desenvolvimento irresponsável de um programa. A única decisão possível passa pela loucura do indecível e do impossível: ir aonde (*wo*, *Ort*, *Wort*) é impossível ir” (DERRIDA, 1995, p. 42), pois nada em tal processo pode ser controlado.

A intenção do sujeito antes de iniciar a escrita autobiográfica é apenas uma das forças que interagem num processo maior de iterabilidade, que vai inscrever a marca, o rastro. Mas essa determinação será provisória, podendo ser transformada, já que se trata de uma cadeia de signos na qual nunca poderemos obter “o nome exato que uma em definitivo um nome a uma única coisa” (NASCIMENTO, 1999, p.160). Dessa forma, a incomensurabilidade da existência humana, a confissão, o pecado e o perdão, se farão presentes como devir, negociando o além do homem.

Referências Bibliográficas:

BECKETT, Samuel. *Proust*. Trad. Arthur Nestrovski. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 3ª ed. Trad. Maria Beatriz M. N. da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002a.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: UNESP, 2002b.

DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

DERRIDA, Jacques. *Salvo o nome*. Trad. Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Papirus, 1995.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. In: _____. Edição standard brasileira das *Obras psicológicas completas* de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18, p. 17-85.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. Trad. Sônia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

Adriana Helena de O. Albano

LACAN, Jacques. *O Seminário – Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, 1954-1955*. Trad: Marie Christine Lasnik Penot, Antônio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura: "notas" de literatura e filosofia nos textos de desconstrução*. Niterói: ed. UFF, 1999.

SANTIAGO, Silviano. Prosa literária atual no Brasil. In: ____ *Nas malhas da letra: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 25-37.

MEMORY: TEMPORALITY OF THE TRACE AND CONFESSION

ABSTRACT:

This work discuss and articulate the ideas of Jacques Derrida, Sigmund Freud and Samuel Beckett about the no linear, heterogeneous, and subjective constitution of memory and its writing representation. Then it presents, This work analyses the memory' discours as a confession.

KEYS-WORDS: Memory. Trace. Confession. Derrida.

MÉMOIRE : TEMPORALITÉ DE LA VOIE ET CONFESSION

RÉSUMÈ:

Ce travail discute et articule le pensée de Jacques Derrida Sigmund Freud et Samuel Beckett sur la constitution non-linéaire hétérogène dynamique et subjective de la mémoire et de sa représentation écrite. Dans un autre plan, on analyse le discours de mémoire en tant qu'aveu.

MOTS-CLEFS: Mémoire. Trace. Aveu. Derrida.

© 2008 *Psicanálise & Barroco*
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Cultura
Campus Universitário – ICH – Bairro Martelos
Juiz de Fora, MG - Brasil
Tel.: (32) 2102 3117

revista@psicanalisebarroco.pro.br

www.psicanalisebarroco.pro.br/revista